

**ISSN 2318-2377**



**TEXTO PARA DISCUSSÃO N° 614**

**O DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA POLÍTICA DE DOUGLASS NORTH**

**Rafael Galvão de Almeida**

**Setembro de 2019**

## **Universidade Federal de Minas Gerais**

Jaime Arturo Ramírez (Reitor)

Sandra Regina Goulart Almeida (Vice-reitora)

### **Faculdade de Ciências Econômicas**

Hugo Eduardo Araujo da Gama Cerqueira (Diretor)

Kely César Martins de Paiva (Vice-Diretora)

### **Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar)**

Frederico Gonzaga Jayme Jr (Diretor)

Gustavo de Britto Rocha (Vice-Diretor)

Laura Rodríguez Wong (Coordenadora do Programa de Pós-graduação em Demografia)

Gilberto de Assis Libânio (Coordenador do Programa de Pós-graduação em Economia)

Adriana de Miranda-Ribeiro (Chefe do Departamento de Demografia)

Bernardo Palhares Campolina Diniz (Chefe do Departamento de Ciências Econômicas)

### **Editores da série de Textos para Discussão**

Aline Souza Magalhães (Economia)

Adriana de Miranda-Ribeiro (Demografia)

### **Secretaria Geral do Cedeplar**

Maristela Dória (Secretária-Geral)

Simone Basques Sette dos Reis (Editoração)

<http://www.cedeplar.ufmg.br>

## **Textos para Discussão**

A série de Textos para Discussão divulga resultados preliminares de estudos desenvolvidos no âmbito do Cedeplar, com o objetivo de compartilhar ideias e obter comentários e críticas da comunidade científica antes de seu envio para publicação final. Os Textos para Discussão do Cedeplar começaram a ser publicados em 1974 e têm se destacado pela diversidade de temas e áreas de pesquisa.

### Ficha catalográfica

A447d Almeida, Rafael Galvão de.  
2019 O desenvolvimento da economia política de Douglass North / Rafael Galvão de Almeida . - Belo Horizonte : UFMG/CEDEPLAR, 2019.  
20 p. - (Texto para discussão, 614)  
Inclui bibliografia (p. 17-20)  
ISSN 2318-2377  
1. História econômica - Sec. XX. 2. North, Douglass Cecil. 3. Socialismo. I. Universidade Federal de Minas Gerais. Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional. II. Título. III. Série.  
CDD: 330.9

Ficha catalográfica elaborada pela Biblioteca da FACE/UFMG RSS119/19

As opiniões contidas nesta publicação são de exclusiva responsabilidade do(s) autor(es), não exprimindo necessariamente o ponto de vista do Centro de Desenvolvimento e Planejamento Regional (Cedeplar), da Faculdade de Ciências Econômicas ou da Universidade Federal de Minas Gerais. É permitida a reprodução parcial deste texto e dos dados nele contidos, desde que citada a fonte. Reproduções do texto completo ou para fins comerciais são expressamente proibidas.

*Opinions expressed in this paper are those of the author(s) and do not necessarily reflect views of the publishers. The reproduction of parts of this paper or data therein is allowed if properly cited. Commercial and full text reproductions are strictly forbidden.*

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS  
FACULDADE DE CIÊNCIAS ECONÔMICAS  
CENTRO DE DESENVOLVIMENTO E PLANEJAMENTO REGIONAL**

**O DESENVOLVIMENTO DA ECONOMIA POLÍTICA DE DOUGLASS NORTH\***

**Rafael Galvão de Almeida**  
Doutorando do Cedeplar/UFMG

**CEDEPLAR/FACE/UFMG  
BELO HORIZONTE  
2019**

---

\* Gostaria de agradecer ao CNPq e ao CHOPE pelo financiamento e o acesso ao DCNP na Duke University. Uma versão preliminar deste artigo foi apresentada aos pesquisadores da CHOPE em 7 de dezembro de 2018 e no Charles Gide Workshop em Montreal, 2019, e gostaria de agradecer a Bruce Caldwell, Kevin Hoover, Roy Weintraub, Anna Noci, Tomas Kristofory e os membros do centro pelos comentários e sugestões. Gostaria de agradecer a Carlos Eduardo Suprinyak e Celso Neris Jr. pelos comentários adicionais. Gostaria de agradecer também a Margaret Levi pela entrevista produtiva.

## SUMÁRIO

1. INTRODUÇÃO .....	6
2. COMO NORTH APARENTEMENTE TRAIU A NOVA HISTÓRIA ECONÔMICA .....	7
3. NORTH ENTRE OS “DOIS EXTREMOS” DA ECONOMIA POLÍTICA: MARXISMO E ESCOLHA PÚBLICA.....	10
4. ECONOMIA POLÍTICA NA UNIVERSIDADE WASHINGTON EM ST. LOUIS .....	13
5. CONCLUSÃO .....	15
6. REFERÊNCIAS .....	17

## RESUMO

Este artigo explora o desenvolvimento intelectual de Douglass North como um economista político e um pesquisador interdisciplinar. Apesar de ele ter sido uma figura importante durante o auge da Nova História Econômica nos anos 1960, ele ficou insatisfeito com a abordagem e se dedicou a estudar as instituições, ajudando a estabelecer a Nova Economia Institucional. Sua teoria política evolui com influências do marxismo e da teoria da escolha pública e isto se reflete em seu trabalho na década de 1980. Seu mandato como diretor do Center in Political Economy na Universidade de Washington em St. Louis permitiu a ele trabalhar diretamente com outros cientistas sociais para o desenvolvimento de uma Nova Ciência Social Institucional.

*Palavras-chave:* nova economia institucional; economia política.; Douglass North; cliometria; nova história econômica; marxismo; escolha pública

## ABSTRACT

This article explores Douglass North's intellectual development as a political economist and an interdisciplinary researcher. Although he was an important figure during the ascension of the New Economic History during the 1960s, he later grew dissatisfied with the approach and went on to study institutions, helping to establish the New Institutional Economics. His political theory evolved with influences from Marxism and Public Choice Theory and is reflected in his work in the 1980s. His directorship at the Center in Political Economy at Washington University at St. Louis allowed him to work directly with other social scientists for the development of a New Institutional Social Science.

*Keywords:* new institutional economics; political economy; Douglass North; cliometrics; new economic history; Marxism; public choice

*JEL codes:* B25, D7, N01

Quando Ronald Coase e eu começamos a nova economia institucional, eu propus a ele denominá-la de “nova ciência social institucional”, mas o Ronald disse “se você fizer isso, estarei fora”. E então eu disse, “Ok, eu retiro o que disse”. Obviamente eu queria que Ronald estivesse comigo, mas acho que foi um erro. E à medida que a vida passa, eu acho que é um erro cada vez maior, porque isso confina a nossa discussão em termos muito estreitos... eu acho que Ronald é um economista tradicional, e para ele, a economia é economia. Para mim, nunca foi o caso.

Douglass North<sup>1</sup>

## 1. INTRODUÇÃO

Douglass Cecil North (1920-2015) será lembrado como um dos economistas mais influentes do século 20 graças a seu trabalho na Nova História Econômica (NHE), Nova Economia Institucional (NEI), e por defender uma relação interdisciplinar entre a economia e as outras ciências sociais. Mais do que isso, ele tinha como objetivo desenvolver uma ciência social interdisciplinar, uma “Nova Ciência Social Institucional”, como a epígrafe do texto demonstra.

Um dos seus principais problemas com a ciência econômica dos anos 1980 era de que ela não tinha as ferramentas necessárias para abordar propriamente o papel do Estado e do governo na economia, i.e., uma economia política<sup>2</sup>. Este artigo tenta entender como que North mudou suas ideias sobre economia política, e que fontes ele recorreu a fim de entender melhor o papel do governo e das instituições na sociedade. Suas ideias nesses assuntos também estão relacionadas com sua ideia de economia: apesar de que ele queria mudar a maneira a qual a ciência econômica abordava a economia política, ele também queria preservar as principais doutrinas econômicas, que são a teoria dos preços e de escolha individual com restrições (Krul, 2018, p. 4).

Este artigo tem cinco partes, além desta introdução: a segunda seção sobre a insatisfação de North com a NHE e a economia neoclássica, e como isso fez com que ele procurasse por alternativas; a terceira seção é sobre sua relação ambivalente com Marx e o marxismo, e a Teoria da Escolha Pública (TEP), e como ele usou algumas de suas conclusões para influenciar sua abordagem de economia política; a quarta seção é sobre o seu período como diretor do Center in Political Economy, na Universidade Washington em St. Louis, onde ele desenvolveu trabalho interdisciplinar com cientistas políticos, economistas e outros cientistas sociais e cognitivos; a quinta seção conclui, reafirmando o papel de North em transgredir fronteiras na ciência social.

<sup>1</sup> Em entrevista a Arnold Kling e Nick Schulz (Kling & Schulz, 2011, p. 176). Todas as citações foram traduzidas pelo autor para garantir uma leitura melhor.

<sup>2</sup> Sua insatisfação é observada no início de sua carreira, neste comentário sobre a teoria de tomada de decisão em grandes corporações de R. A. Gordon: “[A ideia de que o poder político-econômico de alguns grupos é significante o suficiente para exercer influência no governo e outras firmas] é certamente uma conclusão incompleta e insatisfatória. Talvez...[Gordon] chegou aos limites da análise econômica e está na fronteira de outras disciplinas. [Ele mesmo] admite que ‘as ferramentas básicas do cientista político, assim como as ferramentas precisas do economista, precisam ser utilizadas’. (O cientista político pode comentar que a analogia do sujo falando do mal lavado seja apropriada neste caso). (North, 1950, p. 81).

## 2. COMO NORTH APARENTEMENTE TRAIU A NOVA HISTÓRIA ECONÔMICA

Até o fim de sua vida, North sempre considerou a história econômica como uma parte importante da economia institucional e da economia política. Portanto, devemos entender seu relacionamento com a NHE/cliometria na década de 1960. Seus escritos mais importantes cobriram o desenvolvimento histórico-regional do Sul dos Estados Unidos no período anterior à Guerra Civil Americana (North, 1961a), um livro-texto geral da história econômica dos Estados Unidos, a fim de introduzir graduandos à NHE (North, 1966), e um artigo estimando as mudanças no balanço de pagamentos americano para o período anterior à Guerra Civil Americana (North, 1960)<sup>3</sup>.

As contribuições mais importantes de North à divulgação da cliometria ocorreram durante os anos de 1961 a 1966, quando ele foi coeditor do *Journal of Economic History*, com William Parker. Juntos, eles aumentaram o número de artigos que usavam a abordagem da NHE (Haupert, 2016, p. 23), e eventualmente contribuíram para tornar a NHE o método dominante de pesquisa do periódico em si (Diebolt & Haupert, 2017). Assim, alguns chegaram a dizer que a história econômica se tornou *de facto* cliometria a partir desse ponto (Goldin, 1995, p. 192).

Muitos praticantes da cliometria reconhecem a importância de North. Richard Sutch (1982, p. 24) lembrou de seu papel-chave na NHE como sendo de “um articulador, um missionário, e um partidário militante da nova metodologia”. Goldin (1995, p. 195) o chamou de “o grande teórico” da NHE. La Croix (2018, p. 2) compilou uma lista extensiva de historiadores econômicos importantes que foram orientados por North em algum ponto de sua formação, sejam como graduandos ou pós-graduandos na Universidade de Washington (UW) e Universidade de Washington em St. Louis (WUStL)<sup>4</sup>. No fim, ele recebeu o prêmio memorial de Nobel por suas contribuições à história econômica (Press Release, 1993).

O sucesso da primeira metade da década de 1960 não durou. Após isso,

[A] cliometria perdeu uma parte de sua significância com os economistas, que não a viam como nada além de outra aplicação da teoria econômica. Enquanto que a economia aplicada não era vista como algo ruim, a cliometria não era vista como *algo especial*, apenas a aplicação da teoria e das últimas técnicas quantitativas a dados antigos, ao invés de dados contemporâneos. (Haupert, 2016, p. 23, ênfase adicionada).

<sup>3</sup> Este artigo foi apresentado pela primeira vez no encontro conjunto da Economic History Association and National Bureau of Economic Research's Conference on Research in Income and Wealth de 1957, o que estabeleceu a NHE como um campo distinto da economia (Diebolt & Haupert, 2017, p. 411).

<sup>4</sup> A lista inclui Lance Davis, Jonathan Hughes, Richard Sutch, Terry Anderson, Lee Alston, Ben Baack, Richard Bean, Gordon Bjork, Philip Coelho, Rodgers Taylor Dennen, Price Fishback, Gerald Gunderson, Sumner La Croix, Robert McGuire, Lloyd Mercer, Ramon Myers, Roger Ransom, Clyde Reed, Gaston Rimlinger, James Shepherd, John Tomaske, Richard Tretheway, Irwin Unger, John Joseph Wallis, Gary Walton, Robert Willis, Lorena Alcazar, Eliana Balla, Mary Ann Boose, Art Carden, Hugo Eyzaguirre, Tawni Hunt Ferrarini, Daniel C. Giedeman, Peter Z. Grossman, Bradley Hansen, Michael Haupert, Shawn Humphrey, Mansor Haji Ibrahim, Iacovos Ioannou, Shilpi Kapur, Philip Keefer, Janice Rye Kinghorn, Jeanine Koenig, Felix Kwan, Noel Johnson, Ruey-Hua Liu, Jeremy Meiners, Michael Munger, Randall Nielsen, Michael J. Orlando, Brian Roberts, Andrew Rutten, Werner Troesken, Mark David Vaughan, e Timothy Yeager.

Assim, por idos de 1970, os departamentos de economia não enxergavam vantagens em contratar um historiador econômico em relação a um economista que podia fazer as mesmas regressões<sup>5</sup>. E como se tornou difícil distinguir entre um historiador econômico e um economista, poucos departamentos de história tinham incentivos para os contratar também, devido à sua abordagem “heterodoxa” (“a intenção era converter, não obliterar”, Goldin, 1995, p. 206). Como o historiador Pierre Vilar comentou, a história econômica se tornou economia retrospectiva (cf. Grandi, 2009, p. 216)<sup>6</sup>.

Apoiadores da NHE tinham suas próprias críticas internas, como Haupert (2016, p. 24) mencionou. Douglass North tinha várias destas. Em um artigo publicado em 1965, na *American Economic Review* (North, 1965), ele reclamou de que a qualidade da pesquisa em história econômica não era aceitável e que, apesar dos avanços quantitativos, as contribuições da NHE eram limitadas, especialmente devido à falta de uma teoria do crescimento econômico adequada, para explicar o desenvolvimento de longo prazo.

Deve ser lembrado que o artigo na AER tinha como público-alvo uma audiência geral, tendo como objetivo reportar o progresso na NHE e estimular o interesse de mais economistas. A mudança no tom de seu artigo anterior no mesmo periódico é clara (North, 1963). Porém, os sentimentos de North em relação à inadequação da NHE continuaram a crescer quando ele foi para Genebra, com uma bolsa da Fundação Ford, para estudar história econômica europeia.

Seu método era útil para estudar a história econômica americana, mas não a europeia, porque os Estados Unidos nunca seguiram o mesmo desenvolvimento da Europa. Após ser fundado na alvorada do capitalismo, os Estados Unidos não experimentaram certas fases, como o feudalismo – fases que a teoria neoclássica não podia explicar devido à ausência de pesquisa institucional. Apesar de ter criticado a pesquisa em história econômica europeia por não estar em dia com a teoria dos preços e a econometria, ele admitiu que “desenvolvimentos modernos na teoria econômica não serão suficientes sozinhos para a tarefa enorme de reconstruir uma explicação para o crescimento econômico do Mundo Ocidental” (North, 1968a, p. 146).

De acordo com ele mesmo, o catalisador para a mudança de suas ideias sobre a relevância das instituições veio de uma visita a um museu marítimo na Holanda. Devido ao fato de que ele tinha experiência na marinha mercante em assuntos como a importância de especificações técnicas como tonelagem dos navios e custos da tripulação, ele percebeu que a tecnologia dos navios não evoluiu muito na primeira metade do século 19, enquanto que o preço dos seguros e a quantidade de armamentos a bordo diminuíram (Menárd & Shirley, 2014, p. 19). Assim, a mudança tecnológica não podia ser a única responsável pelo desenvolvimento, do jeito que o modelo de Solow previa. Isso culminou em seu artigo de 1968, publicado no *Journal of Political Economy* (North, 1968b), no qual ele analisa as fontes históricas da mudança de produtividade no comércio marítimo e enfatizou o papel das instituições. Geloso (2018) argumenta que a produtividade no comércio marítimo era um fator negligenciado na época, e isso mudou as ideias de North, e isso se refletiu na mudança do foco de suas pesquisas – de uma perspectiva macro histórica para uma micro histórica, focada em organizações e instituições.

<sup>5</sup> Numa entrevista, North disse que “os departamentos de economia revertem para a mentalidade de que historiadores econômicos são marginais às suas necessidades. O motivo, eu acredito, é que não adicionamos nada em particular à economia. Apenas usamos as ferramentas econômicas para explicar o passado” (Lyons, Cain & Williamson, 2008, p. 197).

<sup>6</sup> Por esse motivo, os historiadores econômicos ainda têm crises de identidade. Ver Shanahan (2015).

A virada institucional na pesquisa de North veio com Davis e North (1971) e North e Thomas (1973), na qual eles aplicaram essa estrutura institucional à história da América e da Europa, com a suposição de que as instituições eram eficientes – uma suposição que ele abandonaria a partir de North (1981). Essa mudança coincidiu com o aumento das críticas de North à NHE: vários artigos da década de 1970 (North, 1971, 1974, 1976, 1977, 1978) mostram que North tinha uma opinião negativa da NHE. Ele reconheceu a importância da cliometria pelas questões que lançou, porém ele veio a desenvolver uma “visão deprimente do que se passa por história econômica” que “apenas reforça os preconceitos dos economistas” (carta a John F. Kain, 27 de abril de 1989, DCNP caixa 8).

Suas principais críticas à NHE derivam do diagnóstico de que “as ferramentas que o novo historiador econômico herda do economista não foram feitas para lidar com mudanças econômicas de longo prazo” (North, 1971, p. 118). Enquanto que a NHE contribuiu para dissipar afirmações equívocas na história econômica<sup>7</sup>, ela não encontrou relações causais que poderiam legitimar a cliometria como um estudo do desenvolvimento econômico. Ele tinha também críticas adicionais, como de que o crescimento econômico de longo prazo foi ignorado; falta de papel para o governo; falta de papel para decisões fora do mercado; ser difícil de ensinar aos graduandos (North, 1974); ser incapaz de analisar o período pré-Revolução Industrial (North, 1976); e o fato de que praticantes da NHE não estavam cientes dos limites e fraquezas dos seus conjuntos de dados (North, 1977).

Ele utilizou uma linguagem mais dura que Vilar:

“Mas o motivo porque [os outros economistas] não estão comprando [a NHE] não é ignorância ou falha de mercado; é simplesmente porque os novos historiadores econômicos estão fazendo as mesmas coisas que os economistas, mas que os historiadores econômicos lidam com assuntos mortos ao invés de vivos, e com dados de qualidade geralmente mais pobre” (North, 1977, p. 197).

Seu estudo de crescimento econômico “é um exercício em aritmética aplicada ou simplesmente economia aplicada ruim, e se tornou um campo chato e estéril” (North, 1976, p. 462). Ele contrastou a situação da NHE que “ganhava em rigor e pretensão científicas, mas ao custo de explorar um conjunto de questões mais fundamental sobre a evolução das estruturas das economias” (North, 1978, p. 963), com outras escolas de história econômica, como a Marxista e a dos Annales. Mesmo que os Annales, nas mãos dos seus melhores praticantes, fosse mais uma forma de arte do que uma ciência própria da história, ela ainda tinha uma “vantagem significante de contar uma história sequencial e lidar com um espectro muito mais amplo de experiência econômica do passado” e assim tinha o potencial de contar uma história da história muito mais frutífera do que a NHE (North, 1977, p. 191-192).

Em suas últimas entrevistas, ele ainda corroborava sua opinião rasteira da cliometria, ao dizer que “a menos que os historiadores econômicos quebrem as restrições impostas pela teoria neoclássica, a cliometria vai continuar a ser um campo relativamente pouco interessante” (Lyons, Cain & Williamson, 2008, p. 197)<sup>8</sup> e que, a fim de se tornarem relevantes, é necessário multidisciplinariedade:

<sup>7</sup> De acordo com Goldin (1995), a NHE era controversa porque ia contra crenças históricas comuns, como a importância das ferrovias no desenvolvimento.

<sup>8</sup> Apesar disso, North, na mesma entrevista, identificou-se como um economista neoclássico, querendo melhorar o método neoclássico, mesmo que outros cliometristas o considerem como um traidor (Lyons, Cain & Williamson, 2008, p. 203, 204).

“Você não pode entender o mundo a menos que você tente integrar as teorias econômicas, políticas e sociais” (Snowdon, 2016, p. 19).

Ao tentar encontrar algo que se perdeu na revolução cliométrica, além de se (re)tornar às instituições, North se voltou para outras tradições: marxismo, para uma teoria de mudança secular no longo prazo, e escolha pública, para uma análise econômica da política.

### **3. NORTH ENTRE OS “DOIS EXTREMOS” DA ECONOMIA POLÍTICA: MARXISMO E ESCOLHA PÚBLICA**

A anedota do relacionamento de North com o marxismo durante seus anos em Berkeley é contada em várias de suas entrevistas, de como Marx “tinha todas as questões corretas, mas respostas não muito boas” (Horn, 2009, p. 159). Sua militância lhe custou notas melhores na graduação, mas ele abandonou o marxismo por idos de 1950 para se tornar, nas suas próprias palavras, um economista neoclássico “bem rigoroso” (Horn, 2009, p. 164) – um economista de Chicago, de acordo com seu colega de departamento Yoram Barzel (2015).

Como foi mencionado na seção anterior, seu rigor neoclássico começou a amolecer no fim da década de 1960. Porém, mesmo durante essa fase, ele considerava Marx um teórico importante. Escrevendo para audiências latino-americanas, ele considerava Marx importante por ter chamado a atenção para a análise de longo prazo (North, 1961b). Na opinião de North, faltava uma forma de análise de longo prazo na teoria neoclássica, que estava presente nos escritos de Marx. Na década de 1970, ele começou a (re)ler Marx, junto com Margaret Levi, então uma professora assistente de ciência política na UW. Ela foi direcionada a ele por Samuel Bowles<sup>9</sup> e eles trabalharam na fronteira entre marxismo e teoria do custo de transação.

Seu tratamento não hostil de Marx era considerado estranho para alguns autores, como Wisman, Willoughnly e Sawers (1988), que comentaram que era estranho que um economista neoclássico fosse tão receptivo a Marx, apesar da associação de North com organizações liberais e conservadoras (Krul, 2018, p. x)<sup>10</sup>. Bowles o chamou de “maior marxista enrustido dos Estados Unidos” (cf. carta a Mike Haupert, 15 de setembro de 1992, DCNP caixa 7).

North via de mais importante em Marx sua preocupação com a mudança secular de longo prazo. “Em contraste com os economistas neoclássicos atuais” North (1986, p. 58) argumentou, “Marx tinha uma percepção integrada da totalidade das relações sociais”, e incorporou “instituições, direitos de propriedade e ideologia”, coisas que faltavam na teoria neoclássica (North, 1982, p. 41). Não apenas isso, mas ele também considerou que o marxismo tinha muito a aprender com a economia neoclássica, e havia potencial de parceria: “Uma teoria da exploração que não comprehende o dilema paradoxal de

<sup>9</sup> Deve se notar que Levi se identificava como uma marxista na década de 1970, e North assim a identificava em algumas entrevistas (Spencer & Macpherson, 2014, p. 168), mas ela não se identifica mais como uma hoje em dia (Levi, 2018).

<sup>10</sup> A requisição da WUStL à Fundação Henry R. Luce (que financiou North na década de 1980) se focou na liberdade e pode ser associada a uma visão conservadora da liberdade (Sem título, DCNP caixa 2), e a WUStL hospedou o J. H. Hexler's Center for the History of Freedom, que tinha como colaboradores o Liberty Fund, uma conhecida organização liberal-libertária (The Making of Modern Freedom, Liberty Fund Conference, WUStL, October 24-26, 1985, DCNP box 3). Seus arquivos estão repletos de correspondência com organizações libertárias.

que o Estado é tanto o suporte principal da exploração e, igualmente, o suporte principal de qualquer ordem econômica não pode explicar adequadamente a existência da exploração” (Levi & North, 1982, p. 319)<sup>11</sup>.

Assim, em seus escritos principais, North considerava Marx digno de nota porque ele “tentou integrar mudança tecnológica com mudança institucional...[e fez] um esforço pioneiro em integrar os limites e restrições da tecnologia com os da organização humana” (North, 1990, p. 132). Assim, ele dialogou com marxistas analíticos como Roemer e Elster (Levi & North, 1982; North, 1986). Porém, Galípolo, Gala e Fernandes (2008, p. 209) notara que as citações a Marx diminuíram em trabalhos posteriores. De fato, elas minguam em comparação com sua relação produtiva com teóricos da TEP.

A relação entre as diferentes tradições de NEI e TEP é, de certa forma, íntima e ainda inexplorada na literatura. Numa das poucas comparações diretas entre as duas abordagens, Rutherford (1994, p. 4), considerou a TEP como um ramo da economia institucional, focado na política. Devido a esse foco, North viu na TEP uma maneira de melhorar a NHE e o estudo institucional, porque cobria um dos problemas mencionados na seção 2: decisões que não envolvem o mercado. “O trabalho de Baumol, Buchanan e Tullock, e Anthony Downs...nos fornece um ponto inicial promissor” (North, 1974, p. 5), e a inclusão de literatura da TEP em seus escritos pode ser usado como indicação de uma nova fase em sua pesquisa (Brownlow, 2010). Krul (2018, p.2) observou que muito do trabalho de North converge com a TEP e argumentou que sua “teoria de custos de transação da política” é uma teoria de escolha pública, que incorpora uma abordagem contratual (p. 51).

Em seus principais livros da década de 1980, *Structure and change in economic history* (North, 1981) e *Institutions, institutional change and economic performance* (North, 1990), North reconheceu a importância da TEP e entendeu que ela era importante para discutir o papel do Estado e de como políticos tomam decisões. Porém, devido ao fato de ter construído suas fundações na teoria da escolha racional, assim como a NHE, ela tinha limitações semelhantes. Assim, tinha “apenas um sucesso modesto em explicar a tomada de decisão política” e não era capaz de explicar direitos de propriedade, apesar de ser útil para explicar a organização dos direitos de propriedade (North, 1981), p. 21). Ele reconheceu a importância da teoria de grupos de interesse de Buchanan e Tullock por ser uma teoria simples para analisar o jogo político; porém, sua simplicidade também era um ponto fraco, porque não podia explicar interações políticas mais complexas e mais realistas (North, 1990, p. 50).

A influência de Gordon Tullock é notada na correspondência de North. Numa carta datada 10 de agosto de 1986 a Tullock, North escreveu que aprendeu bastante sobre o Estado com ele “e eu provavelmente...peguei o termo estado-máfia de você” (DCNP, caixa 4). Numa carta a Charles Rowley, datada 22 de janeiro de 1985, North corroborou a influência de Tullock em seu pensamento, chamando a si mesmo de “fã” de Tullock (DCNP, caixa 2).

Outra relação pessoal com teóricos da TEP pode ser observada com Mancur Olson. Apesar de reconhecer seus escritos como importantes, ele criticou Olson (1982) por ignorar o papel do Estado e de

<sup>11</sup> Porém, Galípolo, Gala e Fernandes (2008) argumentam que o uso de Marx por North era um artifício retórico, já que um dos pontos fortes de North era adaptar seu discurso a audiências diferentes e evitar acusações de imperialismo (Gala, 2003). North escreveu que “quando são esvaziadas de sua retórica, [as teorias marxistas] têm alguma similaridade com a abordagem neoclássica do Estado” (North, 1982, p. 22-23), o que significa que ele via algum valor nelas e tentava convencer os leitores de que eram um tópico de discussão.

convicções ideológicas (North, 1983, p. 164). Num relatório à National Science Foundation, ele argumentou que Olson (1982) “não é de maneira nenhuma comparável” com *The Logic of Collective Action* que a continuação proposta *Regulation, Deregulation and Macroeconomics* não deveria receber uma bolsa de pesquisa (DCNP, caixa 44). Numa carta datada 11 de outubro de 1988 a Geoffrey Huck, então editor da editora da Universidade de Chicago, North recomendou que o livro de Olson *The Measure Rod of Money* não fosse publicado, devido a estar ultrapassado e pouco relevante a assuntos atuais (DCNP, caixa 44). Porém, ele tinha Olson em “alta consideração” (carta a Joe Oppenheimer, 19 de maio de 2000, DCNP, caixa 44) e usou Olson (1982) em alguns de seus cursos de história econômica (e.g. Econ 561/winter, 1983, DCNP caixa 53).

A influência da literatura da TEP é evidente na terceira edição de seu livro-texto sobre a história econômica norte-americana (North, Anderson & Hill, 1983), onde o tom muda em relação a edições anteriores. O foco se concentra no crescimento econômico, com uma ênfase na economia política da história norte-americana. *Rent-seeking* é mencionado ao menos 16 vezes como uma barreira importante ao crescimento econômico. Ele também aceitou a narrativa da TEP virginiana (Buchanan & Wagner, 2000 [1977]) de que as políticas de Keynes “contribuíram para erodir a parte da constituição informal que requeria um orçamento equilibrado. Não existia mais uma constituição fiscal que limitava o déficit do governo” (North, Anderson & Hill, 1983, p. 162).

Inspirando-se na literatura da TEP, North concluiu que uma das coisas mais importantes que o corpo legislativo poderia fazer para beneficiar o crescimento de longo prazo era coibir o *rent-seeking* no começo do seu desenvolvimento (North, Anderson & Hill, 1983). Porém, North se opôs a considerar *rent-seeking* como uma teoria do Estado “porque ao olhar para o governo como um gigantesco processo de distribuição de renda e roubo legalizado, nós nos distraímos de explorar, de forma analítica e não pejorativa, o processo político” (North, 1987, p. 164). North considerava o *rent-seeking* como uma manifestação, uma consequência de instituições pobres, não o objetivo final da análise econômica da política.

Isso ilustra outro ponto de tensão entre NEI e TEP<sup>12</sup>: em um trabalho anterior (Galvão de Almeida, 2018, p. 18-19) mencionou o problema de associação de uma visão cínica e libertária do Estado com a TEP, devido à identificação com a tradição da Escola de Virgínia. Bates considerou que essa foi a razão pela qual a TEP não realizou seu potencial.

O trabalho de North foi bem recebido em parte porque ele mobilizou os dados no nível macro que pareciam confirmar as implicações do raciocínio que outros estavam desenvolvendo no nível micro. Caso esses avanços na teoria micro não tivessem ocorrido, a economia política contemporânea poderia ter ficado no domínio da teoria da escolha pública; ao invés disso, ‘as instituições governam’” (Bates, 2014, p. 54).

Para Bates, a NEI possibilitou uma atitude menos hostil em relação ao governo que facilitou sua adoção por cientistas políticos, focando no potencial do Estado em ser um instrumento de

<sup>12</sup> Por algum motivo, sempre que North recebia correspondência dos quadros da Universidade George Mason, eles sempre escreviam Public Choice Institute por alguns anos, ao invés do termo correto Center in Political Economy (carta de Robert D. Tollison, 2 de fevereiro de 1985, DCNP caixa 3; carta de Jennifer Roback, 1 de janeiro de 1986, DCNP caixa 3).

desenvolvimento ou estagnação, livre de preocupações ideológicas<sup>13</sup>. North mesmo estava insatisfeito com a TEP virginiana por tratar o Estado “nada menos do que uma máquina de roubo gigante” (Spencer & Macpherson, 2014, p. 168), e argumentou que se a TEP queria melhorar, ela tinha que ir além da escolha racional (North, 1993).

Assim, mesmo que North visse a importância da TEP, especialmente da tradição virginiana, e colaborou com seus autores, ele a considerava como “um extremo” da literatura em economia política, enquanto marxismo era o outro (North, 1986, p. 62). North escreveu que

A literatura mais interessante da nova economia política procurar misturar a modelagem do processo político com a literatura dos custos de transação para explicar os padrões diversos dos direitos de propriedade e de aplicação das leis que evoluíram para produzir economias bem-sucedidas do século passado, assim como explorar os motivos para o fracasso no Terceiro Mundo (North, 1986, p. 62).

North é considerado uma figura importante na nova macroeconomia política, o que ajudou a estabelecer uma nova forma de análise econômico-interdisciplinar da política, com um foco em assuntos macroeconômicos (Snowdon & Vane, 2005, p. 517). Já em North (1990, p. 112), ele argumentou que “a política e a economia são inextricavelmente ligadas em qualquer entendimento da performance de uma economia e, portanto, devemos desenvolver uma verdadeira disciplina da economia política” que integra tanto aspectos micro quanto aspectos macro em uma verdadeira ciência social interdisciplinar, com aplicações definitivas para problemas práticos (North, Anderson & Hill, 1983, p. 172). North desenvolveu seu projeto de economia política em St. Louis.

#### 4. ECONOMIA POLÍTICA NA UNIVERSIDADE WASHINGTON EM ST. LOUIS

No começo da década de 1980, North estava prestes a se aposentar da UW. Ele já estava insatisfeito com o que o departamento de ciência política da universidade poderia fornecer<sup>14</sup> e ele estava perdendo influência no departamento de economia (cf. Barzel, 2015). De acordo com Levi (2018), a UW “fez algo muito tolo” ao dar todos os tipos de benefícios para membros do corpo docente prestes a se aposentaram sem qualquer punição se eles escolhessem ir para outros lugares. Ele escolheu a Universidade Washington em St. Louis (WUStL)<sup>15</sup> porque era um dos centros mais importantes da ciência política baseada em escolha racional e por causa do requerimento bem-sucedido de uma bolsa da Fundação Henry Luce, que tornou North no primeiro Henry R. Luce Professor of Law and Liberty (DCNP, caixa 3).

<sup>13</sup> Porém, críticos de North argumentam que é impossível separar sua teoria de uma cosmovisão neoliberal (e.g. Milonakis & Fine, 2007).

<sup>14</sup> North tentou criar um curso de graduação em economia política na UW. Além das eletivas de área como microeconomia e ciência política, o programa ofereceu um curso de direitos de propriedade com Yoram Barzel, um em economia política marxista com Margaret Levi, e um seminário conjunto com Levi e North (Levi, 2018).

<sup>15</sup> Levi (2018) conta sua influência na sua decisão: “Eu disse a ele que, para seus propósitos, [a WUStL tinha] o melhor, senão um dos melhores departamentos de ciência política no país, porque entre eles estavam pessoas como Barry Weingast, Kenneth Shepsle e Jim Alt. Mas eles estavam realmente pensando em como usar a economia neoclássica para informar a ciência política e para transformar tanto a economia neoclássica quanto a ciência política, o que eles acabaram fazendo.” Shepsle e Weingast são diretamente associados com a popularização de modelos formais de escolha racional na ciência política (Adcock & Bevir, 2010, p. 92).

Após aceitar a posição na WUStL, North organizou o Committee on Political Economy, do qual ele se tornou o diretor de 1983 a 1990. No primeiro ano, ele propôs uma graduação com ênfase em economia política, com cursos em história econômica, teoria dos direitos de propriedade e teoria dos jogos; eles também inauguraram um programa de pós-graduação em economia política, com seminários em história e desenvolvimento, e sobre a constituição norte-americana.

Os almoços no primeiro ano também foram importantes para discutirem a pesquisa dos membros do centro, que eram focadas nas fronteiras das ciências sociais e de suas aplicações na economia política. Há registros da presença não só dos economistas do centro, como Arthur Denzau, Lee e Alexandra Benham e Barry Weingast, mas também cientistas políticos como Kenneth Shepsle, Randall Calvert, James Alt e William Riker – este último foi o fundador da escola de ciência política de Rochester e professor visitante. Eles também incluem membros da Escola de Administração da WUStL<sup>16</sup>, como Seth Norton, Ken Lehn, Bill Marshall e John Binder, além do filósofo Ned McCloskey, uma figura importante que estabeleceu uma fundação filosófica da teoria da escolha racional (DCNP, caixa 2).

Em janeiro de 1984, o Graduate Program in Political Economy se tornou numa realidade, e seu objetivo era “fornecer um campo interdisciplinar de concentração para estudantes de pós-graduação interessados em estudar as causas e efeitos da tomada de decisões políticas de uma perspectiva de escolha racional” (“A Graduate Program in Political Economy, DCNP caixa 2). O programa foi um esforço conjunto entre os departamentos de economia e ciência política, com cursos em história econômica, macroeconomia e política norte-americana.

No fim de 1984, o comitê já havia se tornado em um “completo” Center for Political Economy (Annual report, 1984-5 Henry R. Luce Professorship in Law and Liberty, DCNP, caixa 3). Em 1987, o centro estendeu suas atividades interdisciplinares para os departamentos de antropologia e direito, convidando o antropólogo Keith Hart para ser um membro e o jurista Victor Goldberg, da Escola de Chicago, para ser um pesquisador visitante (Annual report, 1986-1987, Henry R. Luce Professorship in Law and Liberty, DCNP, caixa 3), e tendo o jurista John Drobak lecionando um curso, junto com North, sobre direito de propriedade (Annual report, 1988-1989, Henry R. Luce Professorship in Law and Liberty, DCNP, caixa 4).

North deixou de ser diretor do centro em 1990, mas ele continuou a ser um membro e a promover pesquisa interdisciplinar, desta vez com a ciência cognitiva, ajudando a criar um programa para Filosofia, Neurociência e Psicologia, lecionando cursos em ciência cognitiva e economia (Horn, 2009, p. 169). Sua pesquisa nessa área iria culminar com *Understanding the process of economic change* (North, 2005), no qual ele tentou aplicar a ciência cognitiva ao estudo da ideologia e desenvolvimento econômico.

Uma das suas ações interdisciplinares mais importantes foi a que ele realizou no Working Group on the Emergence of Social, Political and Economic Institutions, uma iniciativa do Committee on Basic

<sup>16</sup> A cooperação de North com o curso de administração da WUStL era próxima. Em correspondência privada, ele comunicou ao então deão da Escola de Administração, Robert Virgil, que a escola estava cometendo um erro ao permitir que Matt McCubbins e Gary Cox saíssem (carta a Robert Virgil, 1 de abril de 1986, DCNP, caixa 3). Metade dos membros do centro tinham relações com a Escola de Administração e eles organizaram a conferência conjunta “Political Economy and Business” em 1987 (carta a Robert Virgil e Ida Early, de Gary Miller, 2 de setembro de 1987, DCNP, caixa 3).

Research of the National Scientific Council, do qual North foi presidente, de 1983 a 1986. Foi uma das iniciativas interdisciplinares mais compreensivas do seu tempo. Os membros do grupo de trabalho eram Robert Bates (ciência política), Robert Brenner (história), James Coleman (sociologia), Elizabeth Coulson (antropologia), Kent Flannery (arqueologia), Vernon Smith (economia experimental) e Neil Smelser (sociologia). Foi uma tentativa maciça de criar uma verdadeira “nova ciência social institucional” a fim de explicar a evolução das instituições (“Report to the Committee on Basic Research of the National Research Council”, DCNP, caixa 4).

No fim, o trabalho de North no Center in Political Economy forneceu uma mesa de experimentos para seu projeto de nova ciência social institucional. Ele estava entre pessoas com pensamento similar, que queriam aplicar ferramentas econômicas para melhorar tanto a economia quanto a ciência política, com a intenção de ter aplicações práticas futuras e tentar cobrir os problemas da NHE, criticados na Seção 2. O governo e o seu processo de tomada de decisão foram partes importantes do seu projeto na WUStL e isso motivou suas migrações na fronteira da economia e a ciência política na década de 1980 à fronteira entre ciência social e ciências neurológicas na década de 1990, culminando na sua pesquisa na década de 2000 sobre economia cognitiva, ordens sociais e as origens da violência – ele tentou achar a chave para as condições necessárias para o desenvolvimento econômico indo além da economia.

## 5. CONCLUSÃO

Um dos motivos pelos quais North se tornou tão importante para a economia foi seu trânsito entre várias disciplinas das ciências sociais. Sua crítica à economia foi direta, classificando a economia como “um campo muito estreito que, por si mesmo, eu não acho que é muito interessante” (Horn, 2009, p. 170), enquanto que defendia que “a teoria dos preços e o custo de oportunidade – o modo econômico de raciocínio – são as ferramentas de análise mais poderosas de todas as ciências sociais, e você não desiste disso” (Lyons, Cain & Williamson, 2008, p. 203). Isso coloca ele diferente de, por exemplo, Polly Hill, que também defendeu uma ciência social interdisciplinar, mas com uma crítica pesada da economia (Dimand & Saffu, 2019). Suas tentativas de melhorar essas ferramentas o motivaram a ir além da economia neoclássica e NHE, o que o trouxe a um lugar muito diferente. Kurl (2018) denominou sua teoria de “nova história econômica institucional” ao invés de “nova economia institucional”.

Pesquisas recentes apontam para um aumento da popularidade da história econômica, incluindo nova pesquisa cliométrica e cliodinâmica, sendo que economistas estão ficando mais interessados no campo, ao perceberem o quanto importante a história econômica é para a economia política (Calafat & Monnet, 2017; Cioni, Federico & Vasta, 2019). A medalha John Bates Clark, outorgada aos mais importantes jovens economistas (com menos de 40 anos), de 2017 foi dada a Dave Donaldson, por seu trabalho em economia do comércio que teve uma significante pesquisa histórica das condições econômicas da Índia na década de 1850<sup>17</sup>. Porém o renovado prestígio da história econômica contrasta com o aumento da distância entre praticantes da cliometria e outros historiadores econômicos (Klein,

---

<sup>17</sup> <https://www.aeaweb.org/about-aea/honors-awards/bates-clark/david-donaldson>

2018). Os cientistas sociais ainda estão céticos em se congregarem em torno de uma “nova ciência social institucional”, mesmo que eles queiram mais interdisciplinaridade.

Mesmo North não foi poupadão de críticas. Ankarloo (2002) argumentou que a tentativa de North de incorporar a história na economia falhou, deixando a economia ainda ahistorical. McCloskey (2018) argumentou que a abordagem de North fracassou em se separar do cientismo, enquanto que seu foco em ciências cognitivas não deixou espaço para considerações éticas. North reconheceu os problemas: “ainda não explicamos a transição completamente. Nós não explicamos de forma satisfatória como os sistemas políticos evoluem e como você consegue eficiência adaptativa” (Snowdon, 2016, p. 143).

Eu concluo que é difícil retratar North tanto como um pluralista quanto um imperialista econômico. Ele nunca foi tão longe, como William Riker, a ponto de dizer que a escolha racional é o único modelo capaz de dar uma base robusta e psicológica e social para as ciências sociais (Riker, 1995, p. 40). Ainda assim, ele nunca quis abandonar o modelo de escolha racional: ele viu conclusões de outros campos como importantes para melhorar o modelo, ao mesmo tempo que desconsiderava abordagens alternativas de história econômica<sup>18</sup> (cf. Boldizzoni, 2011, p. 111). Porém, é claro que seu interesse em economia política para entender nosso mundo complexo e não-ergódico (North, 2005) fez com que ele fosse a diferentes disciplinas.

---

<sup>18</sup> Numa carta à historiadora Mary Schweitzer (7 de abril de 1993), North escreveu: “Eu não estou certo se é possível persuadir os historiadores do valor do raciocínio econômico” e argumentou que eles devem estudar a nova economia institucional, ao invés da abordagem padrão da economia de custos de transação nulos (DCNP, caixa 12).

## 6. REFERÊNCIAS

- Adcock, R., Bevir, M. 2010. "Political science." In Roger Backhouse, Philippe Fontaine, eds., *The history of social sciences since 1945*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 71-101.
- Ankarloo, Daniel. 2002. "New institutional economics and economic history." *Capital & Class* 26(3): 9-36.
- Barzel, Yoram. 2015. "Doug North, some reminiscences." 29 November 2015. *Organization and Markets*, available at <<https://organizationsandmarkets.com/2015/11/29/yoram-barzels-tribute-to-doug-north/>>. Access: 15 February 2019.
- Bates, Robert. 2014. "The New Institutionalism." In Sebastian Galiani, Itai Sened, eds., *Institutions, property rights, and economic growth: the legacy of Douglass North*. Cambridge: Cambridge University Press, pp. 50-65.
- Boianovsky, Mauro. 2018. Economists and their travels, or the time when JFK sent Douglass North on a mission to Brazil. *Journal of the History of Economic Thought* 40(2): 149-177.
- Boldizzoni, Francesco. 2011. *The poverty of Clio: resurrecting economic history*. Princeton: Princeton University Press.
- Brownlow, Graham A. 2010. "Structure and change: Douglass North's economics." *Journal of Economic Methodology* 17(3): 301-316.
- Buchanan, James M.; Wagner, Richard E. [1977] 2000. *Democracy in deficit: the political legacy of Lord Keynes*. Indianapolis: Liberty Fund.
- Calafat, Guillaume; Monnet, Éric. 2017. "The return of economic history?" *Books and Ideas*. January 30, 2017. Available at <<https://booksandideas.net/The-Return-of-Economic-History.html>>. Access: December 4, 2018.
- Cioni, Martina; Federico, Giovanni; Vasta, Michelangelo. 2019. "The long-term evolution of economic history: evidence from the top five field journals (1927–2017)." *Cliometrica*. <https://doi.org/10.1007/s11698-019-00186-x>.
- Davis, Lance E.; North, Douglass C. 1971. *Institutional change and American economic growth*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Diebolt, Claude; Haupert, Michael. 2018. "A cliometric counterfactual: what if there had been neither Fogel nor North?" *Cliometrica* 12(3): 407-434.
- Dimand, Robert W.; Saffu, Kojo. 2019. "Polly Hill: crossing and contesting the boundaries of anthropology, economics, African studies, and entrepreneurship studies." Paper presented at the Charles Gide Workshop 2019, Montréal: TÉLUQ.
- Douglass Cecil North Papers, 1942-2012 and undated. David M. Rubenstein Rare Book & Manuscript Library, Duke University, Durham (NC). Cited with permission.
- Gala, Paulo. 2003. "A retórica na economia institucional de Douglass North." *Revista de Economia Política* 23(2): 123-134.

- Galípolo, Gabriel; Gala, Paulo; Fernandes, Danilo Araújo. 2008. “Notas para a avaliação do discurso marxista em Douglass North.” *EconomiA* 9(1): 195-213.
- Galvão de Almeida, Rafael. 2018. “From ‘what is new political economy’ to ‘why is everything new political economy?’” The Center for the History of Political Economy Working Paper Series at Duke University, Working paper 2018-16.
- Geloso, Vincent. 2018. “Douglass North, shipping productivity and institutions.” In: *A companion to Douglass North*, forthcoming. Cited with permission.
- Goldin, Claudia. 1995. “Cliometrics and the Nobel.” *Journal of Economic Perspectives* 9(2): 191-208.
- Grandi, Guilherme. 2009. “História econômica ou economia retrospectiva? Robert Fogel e a polêmica sobre o impacto econômico das ferrovias no século XIX.” *Revista Territórios e Fronteiras* 2(1): 204-226.
- Haupert, Michael. “A history of cliometrics.” 2016. In Claude Diebold, Michael Haupert, eds., *Handbook of Cliometrics*. Berlin: Springer, p. 3-32.
- Horn, Karen Ilse. 2009. *Roads to wisdom: conversations with ten Nobel laureates in economics*. Cheltenham: Edward Elgar.
- Klein, Herbert S. 2018. “The ‘Historical Turn’ in the social sciences.” *Journal of Interdisciplinary History* 48(3): 295-312.
- Kling, Arnold; Schulz, Nick. 2011. *Invisible wealth: the hidden story of how markets work*. New York: Encounter.
- Krul, Matthijs. 2018. *The new institutional economic history of Douglass C. North: a critical interpretation*. London: Palgrave.
- La Croix, Sumner. 2018. “Douglass North and cliometrics.” In Claude Diebolt, Michael Haupert, eds., *Handbook of Cliometrics*. Berlin: Springer, p. 1-27.
- Levi, Margaret. 2018. Personal communication, October 26, 2018.
- Levi, Margaret; North, Douglass C. 1982. “Towards a property-rights theory of exploitation.” *Politics & Society* 11(3): 315-320.
- Lyons, John S.; Cain, Louis P.; Williamson, Samuel H. 2008. *Reflections on the cliometric revolution: conversations with economic historians*. London: Routledge.
- McCloskey, Deirdre. 2018. “Getting over naïve scientism c. 1950: what Fogel and North got wrong.” *Cliometrica* 12(3): 435-449.
- Ménard, Claude; Shirley, Mary M. 2014. “The contribution of Douglass North to the new institutional economics.” In Sebastian Galiani, Itai Sened, eds., *Institutions, property rights, and economic growth: the legacy of Douglass North*. Cambridge: Cambridge University Press, p. 11-29.
- Milonakis, Dimitri; Fine, Ben. 2007. “Douglass North’s remaking of economic history: a critical appraisal.” *Review of Radical Political Economics* 39(1): 27-57.

- North, Douglass C. 1950. "Some recent views on the large corporation." *Explorations on Entrepreneurial History* 2(2): 71-91.
- North, Douglass C. 1960. "The United States Balance of Payments, 1790-1860." In William N. Parker, ed., *Trends in the American Economy in the Nineteenth Century. Studies in Income and Wealth*, v. 24. Princeton: Princeton University Press. p. 573-627.
- North, Douglass C. 1961a. "Marx, Rostow y la historia." *Revista de Economía Latinoamericana* 4: 1-16.
- North, Douglass C. 1961b. *The economic growth of the United States 1790-1860*. New York: Prentice-Hall.
- North, Douglass C. 1963. "Quantitative research in American economic history." *American Economic Review* 53(1): 128-130.
- North, Douglass C. 1965. "The state of economic history." *American Economic Review* 55(1/2): 86-91.
- North, Douglass C. 1966. *Growth and welfare in the American past*. Englewood: Prentice-Hall.
- North, Douglass C. 1968a. "A new economic history for Europe." *Zeitschrift für Die Gesamte Staatswissenschaft* 124(1): 139-147.
- North, Douglass C. 1968b. "Sources of productivity change in ocean shipping." *Journal of Political Economy* 76(5): 953-970.
- North, Douglass C. 1971. "Institutional change and economic growth." *Journal of Economic History* 31(1): 118-125.
- North, Douglass C. 1974. "Beyond the new economic history." *Journal of Economic History* 34(1): 1-7.
- North, Douglass C. 1976. "The place of economic history in the discipline of economics." *Economic Inquiry*, 14(4): 461-465.
- North, Douglass C. 1977. "The New Economic History after 20 years." *American Behavioral Scientist* 21(2): 187-200.
- North, Douglass C. 1978. "Structure and performance: the task of economic history." *Journal of Economic Literature* 16(3): 963-978.
- North, Douglass C. 1981. *Structure and change in economic history*. New York: Norton.
- North, Douglass C. 1982. "The theoretical tools of the economic historian." In Charles P. Kindleberger; Guido Di Tella, eds., *Economics in the Long View: essays in honor of W. W. Rostow*. London: Macmillian, v. 1, p. 15-26.
- North, Douglass C. 1983. "A theory of economic change." *Science* 219: 163-164.
- North, Douglass C. 1986. "Is it worth making sense of Marx?" *Inquiry* 29: 57-63.

- North, Douglass C. 1987. "Rent-seeking and the new institutional economics." In Charles K. Rowley, ed., *Democracy and public choice: essays in honor of Gordon Tullock*. London: Basil Blackwell, p. 163-169.
- North, Douglass C. 1990. *Institutions, institutional change and economic performance*. Cambridge: Cambridge University Press.
- North, Douglass C. 1993. "What do we mean by rationality?" *Public Choice* 77(1): 159-162.
- North, Douglass C. 2005. *Understanding the process of economic change*. Princeton: Princeton University Press.
- North, Douglass C. 2006. "What is missing from political economy." In Barry R. Weingast; Donald A. Wittman, eds., *The Oxford handbook of political economy*. Oxford: Oxford University Press, p. 1003-1009.
- North, Douglass C.; Thomas, Robert Paul. 1973. *The rise of the western world: a new economic history*. Cambridge: Cambridge University Press.
- North, Douglass C.; Anderson, Terry L.; Hill, Peter J. 1983. *Growth and welfare in the American past*. 3<sup>rd</sup> edition. Englewood: Prentice-Hall.
- Olson, Mancur. 1982. *The rise and decline of nations*. New Haven, Yale University Press.
- Press release. NobelPrize.org. Nobel Media AB 2019. Available at <<https://www.nobelprize.org/prizes/economic-sciences/1993/press-release/>>. Access: 10 Feb 2019.
- Riker, William H. 1995. "The political psychology of rational choice theory." *Political Psychology* 16(1): 23-44.
- Rutherford, Malcolm. 1996. *Institutions in economics: the old and the new institutionalism*. Cambridge: Cambridge University Press.
- Shanahan, Martin. 2015. "Discipline identity in economic history: reflecting on an interdisciplinary community." *Arts & Humanities in Higher Education* 14(2): 181-193.
- Snowdon, Brian. 2016. "Institutions, economic growth and development: a conversation with Nobel laureate Douglass North." *World Economics* 17(4): 107-152.
- Snowdon, Brian; Vane, Howard R. 2005. *Modern Macroeconomics: its origins, development and current state*. Cheltenham: Edward Elgar.
- Spencer, Roger W.; Macpherson, David A. 2014. *Lives of laureates: twenty-three Nobel economists*. Cambridge: MIT Press.
- Sutch, Richard. 1982. "Douglass North and the New Economic History." In Roger L. Ransom; Richard Sutch; Gary M. Walton. *Explorations in the New Economic History*. New York: Academic Press, p. 13-38.
- Wiseman, Jon D.; Willoughby, John; Sawers, Larry. 1988. "The search for a grand theory in economic history: North's challenge to Marx." *Social Research* 55(4): 747-773.